

O capital ataca novamente

José Gomes da Silva

Conhecido economista rural, em artigo nesta Folha (edição de 31 de junho de 1995, pág. 2-1), apontava a cana-de-açúcar, a laranja e o café como as três culturas que ainda resistiam à crise que afeta a nossa agricultura nestes tempos de real.

De lá para cá a situação piorou ainda mais, com o agravante da crise da laranja e a defasagem de preços da cana. O café, impávido, tenta ainda resistir, amparado em secas e geadas que, se por um lado elevam preços, de outro reduzem a produção.

Lamentos à parte, há um aspecto em todo esse contexto que não tem sido analisado pelos nossos economistas rurais. Trata-se da maneira como o capital está reagindo às tentativas de avanço do trabalho naquelas duas primeiras culturas.

Preliminarmente, é preciso registrar que cana e laranja, duas explorações voltadas para a agroindústria, dependem de um tipo de processamento que facilmente conduz à cartelização. O próprio processo industrial de ambas, implicando o "esmagamento" da matéria-prima, permite que essa ação trituradora se transporte para a pessoa do próprio agricultor. Na verdade, quem detém o controle da moenda (na cana) e da extratora (na laranja) detém o comando de todo o processo, podendo impor preços, prazos e condições.

Se o Estado não se apresentar como poder regulador, aí então acontece o caos, como se denuncia neste ano bicudo.

Felizmente, a visão de estadistas do período getuliano -que ironicamente FHC diz estar encerrando- produziu eficiente legislação reguladora da agroindústria canavieira que vigorou até pouco antes do advento do Proálcool, contendo exageros, estabelecendo regras e até criando um sistema próprio de assistência social.

Com a modernização conservadora da nossa agricultura, essa situação, na última década, foi bastante modificada, com a crescente organização dos trabalhadores volantes (boias-frias), sobretudo depois da "revolta de Guariba". Os contratos coletivos recentes passaram a conter mais e mais reivindicações, justas em sua maioria, mas que passaram a pôr em xeque o poder da moenda.

O revide do capital não se fez esperar. A colheita mecânica da cana está aí, tendo já, nesta safra, alterado bastante a procura do "eldorado paulista" pelos migrantes das regiões pobres de Minas e do Nordeste. Trabalhadores que habitualmente se deslocavam para o cinturão canavieiro de São Paulo em busca de trabalho na safra já não estão encontrando serviço, pois quase todas as usinas, em menor ou maior escala, já estão utilizando colheitadeiras para o corte da cana.

É claro que essa substituição há de afetar, em muito, o mercado de trabalho dessa mão-de-obra não qualificada, sobretudo num contexto de crise como o atual.

No caso da laranja, o capital foi também à forra de maneira diferente, mas igualmente cruel. Seja por ter-se magoado com a subordinação em relação à fruta dos produtores independentes, nos últimos anos, seja em represália à ação que as associações de citricultores levaram ao CADE, os industriais estão dando o troco.

Além de rebaixarem os preços a níveis 300% inferiores aos do ano passado, só aceitam fruta na porta da fábrica (antes eles mesmos colhiam nos pomares). Também impõem prazos para o pagamento (antes chegavam a adiantar 100% do total da compra).

Oxalá não apareça também para o café algum mecanismo perverso que consiga também para a rubiácea o predomínio absoluto do capital, sempre fatal, quando o Estado se enfraquece, como acontece atualmente.

José Gomes da Silva é engenheiro agrônomo e ex-presidente do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)

Publicado na Folha de S.Paulo | 17/10/1995

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/17/agrofolha/10.html>